

IMPACTOS DA FALTA DE ESTÍMULOS NA LINGUAGEM VERBAL DE CRIANÇAS

Autora 1 (Lívia Menezes)

Acadêmica - Centro Universitário Fametro - Unifametro

livia.sales@unifametro.aluno.edu.br

Co- Autora (Tician Siqueira)

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

Tician.ferreira@professor.Unifametro.edu.br

Área Temática: Processo de Cuidar.

Área de Conhecimento: Ciências da saúde.

Encontro Científico: IX Encontro de Iniciação à pesquisa.

RESUMO

Neste exposto trabalho, é discutido o comportamento verbal e os impactos que estímulos podem exercer nesse processo. Para os Fonoaudiólogos e Pediatras, as idades consideradas adequadas para cada desenvolvimento são: com 3 meses aparecem os balbucios, entre 4 a 7 meses começam a emitir certos sons ou onomatopeias, tais como “mama” na tentativa de falar mãe por exemplo, entre 8 a 11 meses é a fase do treino com monossílabos. 1 a 2 anos produzem bem frases com 2 palavras como por exemplo "nenê" ou "papá". As características mostradas são as mais comuns para cada faixa etária. É normal que a criança apresente um ou outro aspecto adiantado ou atrasado em relação à tabela de desenvolvimento, e isto vai depender essencialmente dos estímulos que a criança recebe no seu dia a dia. Tem como objetivo demonstrar a importância dos estímulos para o desenvolvimento da fala de crianças. Esta pesquisa trata de um relato de experiência. Assim, de acordo com as pesquisas e relações feitas com as experiências vividas e expostas neste trabalho, é possível observar que: é necessário um maior estímulo verbal da criança, em especial no repertório, assim também podendo ser utilizados como métodos: livros infantis, jogos e brincadeiras. Portanto, faz-se necessário reconhecer que os hábitos dos cuidadores, de fato, irão influenciar no desenvolvimento da criança e o uso de recursos como telas em excesso terão seus pontos negativos. O ambiente terá uma influência direta no desenvolvimento do jovem. Desse modo, é necessário compreender que reforços afetivos são indispensáveis desde o início da vida da

criança.

Palavras-chave: Estímulos 1; Paradigmas 2; Reforçadores 3; Comportamento verbal 4.

INTRODUÇÃO

Para os Fonoaudiólogos e Pediatras, as idades consideradas adequadas para cada desenvolvimento são: com 3 meses aparecem os balbucios, entre 4 a 7 meses começam a emitir certos sons ou onomatopeias, tais como “mama” na tentativa de falar mãe por exemplo, entre 8 a 11 meses é a fase do treino com monossílabos. 1 a 2 anos produzem bem frases com 2 palavras como por exemplo "nenê" ou "papá". Entre 9 e 10 meses, o bebê imita sons deliberadamente sem entendê-los. Porém, quando já possui um repertório de sons, ele os encadeia em padrões que soam como uma linguagem, mas parecem não ter sentido. Finalmente, quando se familiarizam com os sons de palavras e de frases, os bebês começam a lhes atribuir significados (Fernald, Perfors e Marchman, 2006; Jusczyk e Hohne, 1997). Essas características mostradas são as mais comuns para cada faixa etária. Assim, é normal que a criança apresente um ou outro aspecto adiantado ou atrasado em relação à tabela de desenvolvimento, e isso vai depender essencialmente dos estímulos que a criança recebe no seu dia a dia.

Moerk (1990) descreve que em um processo de treino e aprendizagem do comportamento verbal, a criança primeiramente responde às declarações de um falante e tem suas respostas verbais modeladas por esse falante. Segundo ele, modelagem, imitação, princípios de aprendizagem social e do reforçamento explicam a aquisição do repertório verbal.

Schlinger (1995) descreve que é um processo em que se observa o desenvolvimento da pré-fala (balbucio) por meio de relações reflexas que se tornam operantes, quando a vocalização modifica o meio e é modificada por ele.

Procurando ainda explicações para a aquisição do comportamento verbal, Schlinger (1995) e Drash e Tuddor (1993), propõem que as primeiras emissões vocais da criança são evocadas por uma operação estabelecida aversiva. Tais emissões produzem uma alteração ambiental específica que modela e mantém essas respostas que podem, por essa razão, ser classificadas como mando.

Um fator importante avaliado pelo HOME (Inventário HOME de Observação Doméstica), que é um instrumento para medir a influência do ambiente doméstico no desenvolvimento cognitivo da criança, é a responsividade parental, ou seja, a capacidade de resposta dos pais. Por exemplo, o inventário dá pontos aos pais que acariciam e beijam o filho

durante a visita do examinador. Nessa perspectiva, um estudo longitudinal encontrou correlações positivas entre a responsividade dos pais a seus filhos de 6 meses e o quociente de inteligência (Q.I) da criança, escores em testes de desempenho e o comportamento em sala de aula avaliado pelo professor até a idade de 13 anos (Bradley et al., 2001). O inventário também avalia o número de livros na casa, a presença de brinquedos que incentivam o desenvolvimento de conceitos e o envolvimento dos pais nas brincadeiras dos filhos. Em uma análise de avaliações HOME de 29.264 crianças norte-americanas, a simulação de aprendizagem se mostrou sistematicamente associada aos escores de desempenho no jardim de infância, bem como à competência na linguagem e aos desenvolvimentos motor e social (Bradley et al., 2001). Pesquisas também identificaram sete aspectos do ambiente doméstico nos primeiros meses de vida que possibilitam o desenvolvimento cognitivo e psicossocial que ajudam a preparar as crianças para a escola. As sete condições são: (1) incentivo para explorar o ambiente; (2) supervisão do desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais básicas; (3) elogios às realizações; (4) orientação para a prática e para a expansão de habilidades; (5) proteção contra desaprovação imprópria, provocações punições; (6) enriquecimento da comunicação e responsividade; e (7) orientação e limitação do comportamento.

Drash e Tudor (1993) descreveram seis paradigmas de reforçamento na relação de pais e filhos que podem provocar supressão ou baixa frequência na emissão de comportamento verbal de algumas crianças. O primeiro foi por eles denominado como reforçamento de submissão, fuga e reforçamento de outros comportamentos inadequados. Nesse processo, ocorre reforçamento positivo das respostas inadequadas da criança (choro e grito) e a emissão de respostas de fuga ou esquiva dos pais diante da estimulação aversiva (choro e grito). Pode ocorrer também resposta de fuga e esquiva da criança diante de uma situação aversiva e punição da resposta dos pais em relação à criança.

O segundo paradigma apontado pelos autores, seria o reforçamento de formas não vocais de comportamento verbal. Nesse processo, os pais provocam respostas não vocais na criança, tais como apontar e/chorar, que são suficientes para a obtenção de reforçadores, não exigindo respostas vocais, tais como pedir.

O terceiro paradigma foi descrito como a extinção de respostas vocais, que ocorre quando os pais ou cuidadores estão desatentos aos primeiros balbucios da criança, impossibilitando a ocorrência do processo de modelagem.

O quarto paradigma definido por Drash e Tudor (1993) é o processo de supressão do comportamento verbal por punição. Para os autores, isso pode ocorrer pelo processo de

punição das primeiras verbalizações da criança (chorar e gemer) e, dessa forma, a exposição frequente à contingência de punição pode provocar a supressão dessas respostas, impossibilitando a modelagem de respostas vocais da criança.

O quinto paradigma descrito é a ausência ou ineficiência de reforçamento do comportamento verbal. Isso ocorre geralmente em decorrência tanto da falta de habilidade, quanto de um repertório verbal deficiente dos pais e/ou cuidadores. Os estudos de Hart e Risley (1995) demonstram que quanto menor o repertório verbal dos pais, menor o repertório verbal dos filhos.

E por último, Drash e Tudor (1993) ressaltam como paradigma a interação entre fatores orgânicos ou presumivelmente orgânicos e fatores comportamentais. Segundo os autores, as respostas dos pais diante da inabilidade da criança podem aumentar ou diminuir a frequência de problemas futuros.

Portanto, o objetivo do presente trabalho é mostrar, através de um relato de experiência, a importância dos estímulos para o desenvolvimento da fala de crianças, buscando um olhar desmistificador sobre a noção patológica existente em volta do atraso na fala, demonstrando, por meio da vivência e da pesquisa de autores, pontos que exemplifiquem importantes estudos acerca do tema.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi um relato de experiência com uma criança de 1 ano e 5 meses - que será mencionado como ‘a criança’ – o qual ainda não se comunica verbalmente junto a existência de paradigmas desenvolvidos pelos autores Drash e Tudor.

A experiência “é vivida antes de ser captada pelo pensamento, apreendida pela reflexão, caracterizada em seus componentes” (BRETON; ALVES, 2021, p.3), portanto, é ela “que desperta o poder de conhecer” (MENEZES, 2021, p.10). Em seu domínio, ocorrem as aprendizagens (KASTRUP, 2008). Entretanto, não é a única ou exclusiva maneira para seu atingimento, não se “pode aprender pela experiência do outro, a não ser que essa experiência seja revivida e tornada própria” (CAPOZZOLO et al, 2013).

A experiência apresentada foi realizada no período de 2022.1 e 2022.2 até o atual momento na residência da própria criança. A casa é composta por 2 quartos, uma sala, um banheiro e uma pequena cozinha, sendo uma família composta por 3 adultos, a própria criança

e uma cachorra, torna-se um ambiente pequeno.

A criança possui acompanhamento com a mesma pediatra desde os 2 meses de vida, em agosto de 2022 foi dado início a uma investigação em relação a possibilidade de a mesma possuir alguma patologia, investigação que será feita com neurologista, fonoaudiólogo e com terapeuta ocupacional (profissionais encaminhados pela pediatra) entretanto a pediatra em uma rápida anamnese em consulta suspeita que não possua sinais que possa ser considerado espectro autista. A observação ocorreu em dias diversificados, com maior frequência nos dias de quarta-feira e aos finais de semana (sexta-feira ao domingo) durante todo dia e a noite.

Assim, a criança, referida anteriormente, nasceu no ano de 2021, ano pandêmico e ano o qual as tecnologias tiveram uma maior presença no cotidiano, mesmo após as liberações das medidas de proteção. Presenciei toda a gestação e acompanho seu desenvolvimento e crescimento, assim possibilitando presenciar e vivenciar momentos aqui compartilhados.

Nessa perspectiva, a criança citada está em um meio rodeada por afetos e atenção de pessoas mais velhas que possuem pelo menos um grau mínimo de experiência em relação ao crescimento de crianças possuindo assim seus próprios costumes e praticidades. É o segundo filho de seus genitores. Seus pais possuem experiência quanto aos cuidados que uma criança exige.

Os paradigmas de Drash e Tudor (1993) possibilitaram durante a observação uma clareza maior dos acontecimentos vivenciados, os 6 paradigmas que eles trazem estão de fato ligados com o processo de comportamento verbal no qual foi vivenciado e que será discutido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os paradigmas de Drash e Truddor apresentados anteriormente na introdução e mencionados na metodologia, foram feitas algumas correlações para a discussão e a obtenção dos resultados com os seguintes paradigmas:

O primeiro que foi por eles denominado como reforçamento de submissão, fuga e reforçamento de outros comportamentos inadequados. Foi observado a responsividade parental inicialmente, sendo possível compreender que há um estímulo afeito e motivação em questão da autonomia da criança em alguns momentos, normalmente momentos em que a criança se encontra calma, ou seja, sem reações aversivas (choro/grito) o que provoca que seus genitores nos momentos dessas reações retire a autonomia estabelecida anteriormente.

O segundo paradigma que foi apontado pelos autores, seria o reforçamento de formas

não vocais de comportamento verbal. Foi possível observar muitas vezes durante a experiência relatada anteriormente que quando a criança queria algo apenas chorava, apontava ou ia perto do objeto e logo era atendida e compreendida, isso acontecia muitas vezes quando a criança estava com fome, a criança já após 1 ano apenas chorava (de forma intensa) e era atendida.

E quinto paradigma descrito que é a ausência ou ineficiência de reforçamento do comportamento verbal. Isso ocorre geralmente em decorrência tanto da falta de habilidade, quanto de um repertório verbal deficiente dos pais e/ou cuidadores.

E por último, Drash e Tuddor (1993) ressaltam como paradigma a interação entre fatores orgânicos ou presumivelmente orgânicos e fatores comportamentais.

Desse modo, um outro fator que é possível observar que pelo fator social de o pai trabalhar fora e a mãe não possuir ajuda em casa a mesma utiliza as telas (que são recomendadas a partir de 2 anos) como suporte, não possuindo tempo para realizar ou incentivar brincadeiras estimulantes com a criança até mesmo com os próprios brinquedos, mostrando-os e dizendo-o os seus nomes e possibilitando um maior repertório verbal. Outrossim, a leitura foi observada que também não faz parte do cotidiano da criança. Ademais, outra observação que foi possível fazer é em relação aos balbucios: os balbucios não são estimulados como os autores relatam como uma modelagem.

Assim, de acordo com os paradigmas e a pesquisa citada acima e relacionados os mesmos com a experiência vivida e exposta neste trabalho, é possível observar que: É necessário um maior estímulo verbal da criança e do seu repertório, podendo ser utilizados como métodos livros infantis, jogos e brincadeiras, de acordo com o inventário HOME o número de livros na casa, a presença de brinquedos que incentivam o desenvolvimento de conceitos e o envolvimento dos pais nas brincadeiras dos filhos, influencia no desempenho no jardim de infância, bem como à competência na linguagem e aos desenvolvimentos motor e social. Também, faz-se necessário reconhecer que os hábitos dos cuidadores de fato irão influenciar no desenvolvimento da criança assim retomando a fala de Moerk (1990) que descreve que em um processo de treino e aprendizagem do comportamento verbal, a criança primeiramente responde às declarações de um falante (em geral, da mãe) e tem suas respostas verbais modeladas por esse falante. Por fim, o ambiente terá uma influência direta no desenvolvimento da mesma, logo, reforços afetivos são indispensáveis desde o início da vida da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando assim, todo o exposto no presente trabalho sobre o comportamento verbal de crianças, seus estímulos e seus reforçadores, foi possível demonstrar, através de obras de autores como Drash e Tuddor, que a patologia não é o único ponto de vista a ser analisado em um caso de atraso de fala e que estímulos e reforços possuem importância desde o primeiro mês de vida. Evidenciou-se também, através de relatos, que reforços afetivos, ambientes adequados, ferramentas adequadas são meios que possuem eficácia como estímulos para o comportamento verbal e que a falta deles interfere de forma perceptível no desenvolvimento de uma criança.

REFERÊNCIAS

TREINAMENTOS, Techknowledge. **10 atitudes para ajudar no desenvolvimento da fala e linguagem das crianças**. 2019. Disponível em: <https://tk-ead.com.br/blog/fluencia-da-fala/desenvolvimento-da-fala-e-linguagem-das-criancas/>. Acesso em: 10 out. 2022.

BORELLI, Alessandra. **O excesso de tecnologia na infância: qual é o limite?** educação & tecnologia. Educação & Tecnologia. 2020. Disponível em: <https://blog.playkids.com/o-excesso-de-tecnologia-na-infancia/>. Acesso em: 10 out. 2022.

RODRIGUES, Katya Cabrera. **Fonoaudiologia – Estimulando - Fonoaudiologia: desenvolvimento infantil**. Desenvolvimento Infantil. Disponível em: <http://estimulando.com.br/desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 10 out. 2022.

LEAL, Aline (ed.). **Estudo mostra que pandemia intensificou uso das tecnologias digitais: desigualdades de inclusão digital foram acentuadas**. Desigualdades de inclusão digital foram acentuadas. 2021. Publicado por: Akemi Nitahara. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 10 out. 2022.

MARQUES, Susi Lippi, et al. **“Avaliação Cognitiva de Crianças Com Dificuldades de Aprendizagem: Precisão Do Teste de Goodenough (1926) E Da EMMC (1993).”** Paidéia (Ribeirão Preto), vol. 12, no. 23, 2002, pp. 105–112, 10.1590/s0103-863x2002000200008. Acesso em: 6 Dez. 2021.

PAPALIA, Diane E, et al. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre Artmed, 2006, pp.174-175. Acesso em: 6 out. 2022.

PESTUN, Magda Solange Vanzo; OMOTE, Leila Cristina Ferreira; BARRETO, Déborah Cristina Málaga; MATSUO, Tiemi. Estimulação da consciência fonológica na educação infantil: prevenção de dificuldades na escrita. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 95-104, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85572010000100011>.

SARGIANI, Renan de Almeida; MALUF, Maria Regina. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: contribuições da psicologia cognitiva e das neurociências. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 477-484, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018033777>.

VILAS BOAS, Denise de Lima Oliveira; BANACO, Roberto Alves. Contingências envolvidas na condução do desenvolvimento verbal de uma criança de 5 anos. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 172-188, dez. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452009000200001&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 10 out. 2022.